



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

CAMPUS DE LARANJEIRAS DO SUL

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS COM ÊNFASE EM

DESENVOLVIMENTO

RURAL E COOPERATIVISMO

VERA MARIA ROSSIGNOL

ANÁLISE DE VIABILIDADE ECONÔMICO - FINANCEIRA DE UMA

AGROINDÚSTRIA DE SUCO DE LARANJA NO MUNICÍPIO DE

NOVA LARANJEIRAS - PR

LARANJEIRAS DO SUL - PR

2014

VERA MARIA ROSSIGNOL

**ANÁLISE DE VIABILIDADE ECONÔMICO- FINANCEIRA DE UMA
AGROINDÚSTRIA DE SUCO DE LARANJA NO MUNICÍPIO DE NOVA
LARANJEIRAS - PR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do Sul – PR.

Orientador: Professor Ms. Antonio Maria da Silva Carpes

LARANJEIRAS DO SUL – PR

2014

VERA MARIA ROSSIGNOL

**ANÁLISE DE VIABILIDADE ECONÔMICO- FINANCEIRA DE UMA
AGROINDÚSTRIA DE SUCO DE LARANJA NO MUNICÍPIO DE NOVA
LARANJEIRAS - PR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do Sul – PR.

Orientador: Professor Ms. Antonio Maria da Silva Carpes

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Antonio Maria da Silva Carpes

Prof. D^a. Debora Leitzke Betemps

Prof. Ms. Paulo Alexandre Nunes

Dedico este trabalho aquelas pessoas doces e meigas, que incondicionalmente me apoiaram e inspiraram.

Aos meus pais que me emprestaram a tenacidade de suas raízes.

Aos meus filhos para os quais me impulsiono para a vida.

Aqueles que mesmo sem perceber não tenham sido assim tão doces, mas sem as quais não seria possível transformar espinhos em sabedoria e experiência.

Muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que em sua presença divina me deu forças e coragem para seguir em frente e me renovando nos momentos de dificuldade. Ao professor M. Antonio Maria da Silva Carpes pela amizade, confiança, interesse, disponibilidade e carinho na orientação. Agradeço aos mestres, professores e colegas de aprendizado. Acredito que não aprendemos apenas lendo livros, fazendo trabalhos e respondendo provas. O convívio a troca de experiências, os debates e as relações acadêmicas são grande fonte de aprendizado na busca do conhecimento. Os desafios que enfrentamos nos deram lições de vida, os obstáculos foram superados. E agora cheguei à realização do meu sonho. A Cooperativa Monjolo que abriu suas portas para que fosse possível o estudo de caso, ao presidente, funcionários e os sócios que colaboraram na simetria das informações.

Deus desejou produzir uma fruta diferente, que pudesse traduzir um pouco a alma da gente. E começou pela flor; fazendo-a encanto e beleza, como um símbolo do amor, da esperança e da pureza.

Retratando a criatura que vegeta sem viver, fez um tipo sem doçura, amargo a mais não poder.

- É por isso que a DATERRA com esquisito travor, em seu simbolismo encerra os que vivem sem amor.

Ao revés, fez outro doce, que agrada constantemente, como se uma cópia fosse, de quem só vive contente.

- É por isso que a SELETA não desagrada jamais: como a alma de um poeta, é boa e doce demais.

Para as sortes alternadas, que vão do bom ao ruim, fez umas adocicadas que amargam muito no fim. Se a felicidade é isto: sem-teira de saudade, a LIMA então pelo visto, retrata a felicidade.

E, arranjando a solução o que é que um Deus não arranja! na História da Criação, surgiu assim a LARANJA, que, como nós as pessoas, cumpre sinas desiguais:

- umas são doces e boas.

- outras, amargas demais.

Élton Carvalho

RESUMO

Objetivou-se com este estudo, verificar a viabilidade econômica e financeira da implantação de uma agroindústria de suco de laranja como oportunidade de negócio para a cooperativa Monjolo no município de Nova Laranjeiras, como uma alternativa de geração de renda para os agricultores familiares e agregando valor, através de produtos derivados da laranja, nesse caso suco integral de laranja. Para o desenvolvimento do estudo de caso utilizou-se como metodologia análises de viabilidade econômico-financeira, a relação dos investimentos de capital fixo e variável da receita bruta e também a avaliação econômica da rentabilidade do capital. Concluiu-se através do estudo de caso que a cooperativa Monjolo utilizando-se das informações obtidas, pode começar a tornar realidade o empreendimento da agroindústria de suco de laranja.

Palavras chave: agroindústria, laranja, viabilidade, econômica, financeira.

ABSTRACT

The objective of this study to estimate the economic and financial feasibility of implementing an agribusiness of orange juice as a business opportunity for cooperative Monjolo in Nova Orange, as an alternative source of income for family farmers and adding value through products derived from orange, in which case full of orange juice. For the development of the case study methodology was used as analyze economic and financial viability, the ratio of fixed and variable investment capital from gross income and also the economic evaluation of cost of capital. It was concluded through the case study of the cooperative Monjolo using the information obtained, can begin to make the development of agribusiness orange juice reality.

Keywords: economic, financial, agribusiness, orange, feasibility.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Investimento inicial.....	35
Quadro 2 – Volume de vendas em litros.....	36
Quadro 3 – Volume de vendas em valores monetários.....	37
Quadro 4 – Custos da material prima e embalagem.....	38
Quadro 5 – Gastos fixos.....	39
Quadro 6 – Projeção dos resultados.....	40
Quadro 7 – Análise dos investimentos.....	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.2	OBJETIVO GERAL	14
1.2.1	Objetivos Específicos.....	14
1.3	JUSTIFICATIVA	14
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	Agricultura familiar.....	15
2.2	Cooperativismo.....	18
2.2.3.	Caracterização da produção de laranja.....	21
2.2.4.	Propriedades, características, definições e processo de produção de suco de laranja.....	22
2.2.5.	Recepção e armazenagem	23
2.2.6.	Seleção.....	24
2.2.7.5	Limpeza.....	24
2.2.8.	Extração.....	24
2.2.9.	Pasteurização.....	24
2.3	Embalagem.....	25
2.3.1	Estocagem.....	25
2.3.2	Métodos de avaliação de investimentos.....	26
2.3.2.1	Valor presente líquido.....	26
2.3.2.2	Taxa interna de retorno.....	27
2.3.2.3	Payback.....	27
2.3.2.4	Taxa mínima de atratividade.....	28
2.3.2.5	Fluxo de caixa.....	30
3.	METODOLOGIA	31

3.1	Procedimento de coleta de dados.....	32
3.2	Análise dos dados.....	32
4.	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	33
4.1	Caracterização da agroindústria.....	33
4.2	Projeção dos resultados.....	36
4.2.1	Receita Operacional.....	36
4.2.2	Custos e despesas operacionais.....	38
4.2.3	Gasto fixo.....	39
4.2.4	Fluxo de caixa.....	40
4.3	Avaliação da rentabilidade do capital investido.....	41
5.	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS.....	44
	APÊNDICE.....	50

1 INTRODUÇÃO

A participação da fruticultura na economia brasileira vem crescendo ao longo dos anos, encontrando-se preparada para competir no mercado internacional. Dados do Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF) indicam que de janeiro a outubro de 2012 as exportações brasileiras de frutas frescas somaram 540,7 mil toneladas, incrementando de 2,08% sobre 477,2 mil toneladas embarcadas em 2011(ANDRADE, 2012).

O Brasil é um dos três maiores produtores mundiais de frutas, com uma produção que supera os 40,0 milhões de toneladas. A base agrícola da cadeia produtiva das frutas abrange 2,9 milhões de hectares e gera 6,0 milhões de empregos diretos (IBGE, 2010).

No estado do Paraná a laranja é o cítrico com mais alto índice de rendimento médio que chega a 28 mil kg/ha. Esse índice de rendimento faz do estado o quinto maior produtor de laranja do país, em 2010 colheu-se 582,4 mil toneladas numa área de cultivo de 23,9 mil hectares. A laranja é a fruta mais produzida na região Cantuquiriguaçu, com área colhida de 329 hectares com produção de 3.233 toneladas comercializadas, o município de Nova Laranjeiras comercializou 180 toneladas de laranjas, em uma área colhida de 14 hectares (IAPAR, 2010).

No desenvolvimento rural da comercialização nacional de produtos agropecuários o setor de fruticultura está entre os principais geradores de emprego e renda, locais com poucas alternativas de desenvolvimento e com economias estagnadas, encontra na atividade frutífera um efeito gerador de renda. Uma melhor organização do setor produtivo e social da fruticultura brasileira com incentivos para inovações tecnológicas agregando valor, modernização da comercialização e definições de políticas públicas de fomento para o setor, contribuiriam para melhorar o desenvolvimento do mesmo, que tem como característica a elevada relação de trabalho e capital da agricultura familiar, ligadas a cooperativas e associações de produtores (BUANAIN; BATALHA, 2007).

Neste trabalho será desenvolvido um estudo junto à cooperativa regional de produção, agroindustrialização e comercialização dos agricultores familiares de Nova Laranjeiras (Monjolo), que contribuirá para valorização dos produtos dos pequenos agricultores familiares por meio do processo de aproveitamento com a recepção, beneficiamento, armazenamento e distribuição de suco de laranja.

Nesse sentido a proposta da pesquisa é estudar a viabilidade de processamento de laranja, a qual apresenta uma oportunidade de negócio para a cooperativa

Para um investidor uma questão decisiva da teoria econômica aplicada é a escolha entre alternativas de investimentos disponíveis na perspectiva de análise de projetos. A capacidade de crescimento de uma empresa competitiva depende do movimento contínuo de ideias de novos produtos, maneiras de fazer melhor os produtos já existentes e minimizar custos. Desenvolvendo propostas de orçamento de capital, bem administrados, é extremamente importante se verificar o custo de oportunidade em qualquer projeto de investimento econômico-financeiro que envolva a mobilização de recursos futuros provenientes da produção, pressupondo a possibilidade de quantificação monetária dos insumos e produtos associados ao projeto (NARDELI, MACEDO, 2008).

Na demonstração da viabilidade econômico-financeira serão utilizados indicadores econômicos que orientam na escolha da melhor alternativa de aplicação do capital. O modelo de fluxo de caixa descontado (DFC) é o mais utilizado, representa a análise através do valor presente de caixas futuros líquidos gerados, de forma a garantir que entradas futuras sejam iguais ao investimento inicial ou a igualar os custos de oportunidade do capital. No mesmo modelo podem ser utilizadas várias técnicas, como, Valor Presente Líquido (VPL), a Taxa Interna de Retorno (TIR), e o (PAYBACK). Estes indicadores partem do princípio de determinação dos custos e benefícios possíveis de serem encontrados após o levantamento dos custos fixos e variáveis e das receitas esperadas pelo projeto. (NARDELLI; MACEDO, 2008).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Agroindústria de acordo com Araujo et al. (2007), são unidades empresariais onde ocorrem as etapas de beneficiamento, processamento e transformação de produtos agropecuários *in natura* até a embalagem, prontos para comercialização.

A agroindústria de que trata este projeto pode ser entendida como uma unidade de beneficiamento de frutas. O referido empreendimento é classificado no universo das agroindústrias como indústria alimentar, na subseção de fabricação e acondicionamento de sucos e estratos de frutas (classificados da organização das nações unidas – ONU- citado em Sena, W; 1988) (GUIMARÃES, et. al.1998).

A agroindustrialização no meio rural, especificamente a de pequeno porte dita familiar, sinaliza para a sustentabilidade do empreendimento agrícola, favorece a

diversificação do sistema produtivo agregando valor, uma vez, que é produzido tem origem local ou regional, para tanto o aproveitamento das políticas públicas existente e a formação de redes econômicas a um sistema de valores comuns entre os cooperativados (MIOR, 2007).

Diante do cenário descrito indaga-se: Qual a viabilidade econômico-financeira da implantação de uma agroindústria de suco de laranja como oportunidade de negócio para cooperativa Monjolo no município de Nova Laranjeiras?

1.2 OBJETIVO GERAL

Verificar a viabilidade econômica e financeira da implantação de uma agroindústria de suco de laranja como oportunidade de negócio para a cooperativa Monjolo no município de Nova Laranjeiras.

1.2.1 Objetivos específicos

- Caracterizar a cooperativa Monjolo;
- Verificar junto à Cooperativa Monjolo, qual a quantidade de laranja produzida e comercializada pelos agricultores da região;
- Determinar o valor do investimento físico e monetário para a implantação de uma agroindústria de sucos;
- Projetar a quantidade física vendida e a renda estimada;
- Estimar, receitas, custos e fluxo de caixa da atividade;
- Aplicar os indicadores econômicos financeiros para verificação da viabilidade econômica e financeira do referido projeto.

1.3 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A (OIT) Organização Internacional do Trabalho estima que 50% da população mundial economicamente ativa mundial, dedicam-se a trabalhos agrícolas. Agroindústrias são oportunidades para que o pequeno agricultor permaneça no campo. A região da Cantuquiriguaçu oferece um enorme potencial para a criação de novos empreendimentos na área de agroindustrialização, pois a maioria de sua população são agricultores familiares 82%, conforme dados do IBGE, 2010.

O trabalho pretende contribuir para a implantação de uma agroindústria de suco de laranja, no município de Nova Laranjeiras, buscando o aproveitamento do excedente dos pomares de pequenos agricultores familiares, podendo assim agregar valor. O processamento de laranja tem grande importância para os agricultores, porque reduz as perdas e aumenta a disponibilidade, ao industrializar, armazenando para vender na entre safra, sendo que grande parte das frutas produzidas nas propriedades dos agricultores familiares de baixa renda é perdida no campo por ser uma fruta sazonal. De acordo com dados obtidos através de documentos fornecidos pela área comercial da cooperativa, foram comercializados no ano de 2012 30.208 kg de frutas diversas, essa quantidade corresponde aproximadamente 3% da produção anual dos agricultores que fornecem para a cooperativa de Nova Laranjeiras, esses são dados estimados (MONJOLO, 2012).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste estudo de caso terá seu foco direcionado a temática pertinente ao desenvolvimento da agricultura familiar, cooperativismo, produção de laranja, caracterização de técnicas e processo de produção de suco de laranja e métodos de avaliação de investimentos.

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

Agricultor familiar é todo aquele que tem na agricultura sua principal fonte de renda (mais de 80%) que detém área inferior a quatro módulos fiscais, o que equivale a vinte hectares, cuja força de trabalho utilizada na propriedade venha fundamentalmente de membros da família. É permitido o emprego de terceiros temporariamente, quando a atividade agrícola assim necessitar. Em caso de mão de obra contratada, a familiar deve ser igual ou superior a 75% do total utilizado na propriedade (SCHOMMER, 2002).

Para o agricultor familiar a posse da terra significa muito mais do que um capital imobilizado ou um fator de produção. A agricultura familiar desenvolve sistemas complexos de produção combinando várias culturas, criações de animais e transformações primárias, tanto para o consumo das famílias como para o mercado, priorizando a estabilidade, maximizando o lucro com maior retorno econômico (SCHOMER, 2002).

Muitos economistas e formuladores da política econômica encontram na agricultura um antigo produto de estudo, que acompanha e analisa as transformações e efeitos com os demais setores para o fomento do crescimento e do desenvolvimento econômico (SOUZA, 1999).

Nos países desenvolvidos e em desenvolvimento a agricultura familiar tem significativa importância, encontrando mecanismos que possibilita a inclusão do agricultor familiar no contexto da alta sustentabilidade, representando um avanço para as nações. O sucesso do agronegócio no Brasil possui uma relação direta com o desenvolvimento da pequena propriedade rural, já que os produtos que compõem a cesta básica são na sua maioria produzidos nessas propriedades (SCRAMIN, 2011).

Até a metade do século XX os agricultores familiares produziam para subsistência, com policulturas. Tinham uma relação íntima com a natureza e produziam em pequenas roças. O produto excedente era comercializado, em alguns casos, nas casas de comércio das comunidades locais ou nas trocas com os vizinhos. A vida acontecia nas comunidades onde havia escolas, igrejas e estabelecimentos comerciais para comprar roupas, remédios, ferramentas e alguns utensílios. As técnicas agrícolas utilizadas eram as roçadas, com instrumentos manuais e tração animal, chamado também de agricultura tradicional. A preparação do solo, o cultivo e a colheita eram frutos da experiência e passado de uma geração para a outra. Utilizavam como energia a água, o vento, o homem e o animal (TRENTIM, 2004).

Por muito tempo os agricultores familiares foram chamados colonos, microprodutores, trabalhadores rurais, são vários os conceitos oriundos do campo da sociologia e da economia. Agricultor familiar é um termo recente que busca resgatar e revalorizar a agricultura de bases familiares para fins de atribuição de crédito, pode não ser a mesma estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico, o importante que os três atributos básicos, gestão, propriedade e trabalho familiar estão presentes em todos eles (ABRAMOVAY, 1997).

O processo de produção na propriedade familiar é executado por todos os membros da família, onde a propriedade, a família e a produção agrícola se mesclam. Os objetivos e necessidades da família são considerados prioridades, não são diretrizes do mercado que conduzem os seus sistemas econômicos, não são produtividade e rentabilidade econômica suas prioridades, características decisivas para sua organização. Os objetivos familiares influenciam diretamente as decisões de investimento na produção, os agricultores familiares possuem seus próprios códigos de comportamento e formam o ambiente onde atuam definindo e limitando suas escolhas e ações buscando sua legitimação (TRENTIN, 2004).

Os agricultores precisam de ações para a manutenção e aplicação da propriedade rural, como: aumentar a escala de produção; melhorar assistência técnica; visão sistêmica e buscar a autossustentabilidade; favorecer o associativismo e o cooperativismo; políticas públicas que se encaixem com a realidade; melhorar o gerenciamento; melhores tecnologias e, principalmente, agregação de valor a produção através da agroindústria familiar (TRENTIN, 2004).

Na organização das tarefas do grupo familiar, a necessidade de inclusão de todos os membros do domicílio na busca de mobilizar recursos humanos e otimizar afazeres, aproveitando as capacidades e conhecimentos de todos os membros, o cultivo da terra é realizado por os pequenos proprietários rurais tendo como mão de obra essencialmente o núcleo familiar. A gerencia da unidade produtiva é realizada pela família. (TRENTIN, 2004).

O desenvolvimento de uma região rural há muito tempo deixou de depender do desempenho de sua agricultura, necessitando de atividades secundárias e terciárias, fomentando assim de forma descentralizadas as economias locais, fortalecendo as agroindústrias familiares, interligam a aproximação dos espaços rurais e urbanos,

auxiliando o desenvolvimento do agricultor familiar, atribuindo para estes novos papéis e novas tarefas (TRENTIN, 2004).

A ONU declarou 2014, ano internacional da agricultura familiar. Com esta decisão a entidade reconhece a importância da agricultura familiar em todo o mundo, a declaração inédita para o setor é resultado do papel fundamental que o sistema agropecuário sustentável desempenha para o alcance de segurança alimentar no planeta (KOPF, Revista: Anuário Brasileiro da Agricultura Familiar, 2013).

2.2 COOPERATIVISMO

As sociedades cooperativas constituem uma via fundamental para empreender ações que conduzam ao desenvolvimento rural, uma vez que, desse modo, articula-se um processo de natureza empresarial, participativo e endógeno, que mobiliza empresários de forma democrática, sendo agente de seu próprio crescimento, o que finalmente permite alcançar o nível adequado de bem estar na comunidade rural (BIALOSKORKI NETO, 2002).

As cooperativas singulares argumentadas por Santos (2008) são a princípio, sociedades de pessoas físicas, com os mesmos interesses que se unem e cooperam entre si, sem finalidade lucrativa, mas como meio de conseguir melhores resultados com seus produtos ou serviços, controle, organização e gestão democrática. As cooperativas podem ser classificadas, em singulares (com 20 ou mais associados), federações (constituídas de três ou mais singulares), confederações (podem conter três ou mais federações). As principais características das cooperativas são a livre adesão, o capital social é dividido em quotas, partes de número limitado, a não transferência aleatória das quotas partes, o voto igualitário, sendo que um associado equivale a um voto, também neutralidade política e religiosa.

As cooperativas promovem a educação e a formação de seus cooperados, funcionários representantes eleitos e gerentes, para que os mesmos possam contribuir para o desenvolvimento eficaz da cooperativa, divulgam os sete princípios fundamentais, historicamente construídos que garantem a sustentabilidade e a estrutura de organização do cooperativismo. As ausências desses princípios enfraquecem o espírito cooperativo (BORILE, 2011).

Os sete princípios do cooperativismo mencionados por Santos (2008) de acordo com a lei nº 5.764/71, art.4º, são:

a) 1º Princípio: Adesão livre voluntária.

b) As cooperativas são organizações voluntárias e abertas a todas as pessoas aptas a usar seus serviços e dispostas aceitar as responsabilidades de sócio, sem discriminação social racial, política ou religiosa e de gênero.

c) 2º Princípio: Controle democrático dos sócios.

As cooperativas são organizações democráticas controladas por seus sócios que participam das definições de suas políticas de tomada de decisão.

d) 3º princípio: Participação econômica dos sócios.

Os sócios contribuem de forma equitativa e controlam democraticamente o capital de suas cooperativas.

e) 4º Princípio: Autonomia e independência.

Cooperativas são organizações autônomas para ajuda mútua, controladas por seus membros.

f) 5º Princípio: Educação, treinamento e informação.

As cooperativas proporcionam educação e treinamento, como forma de contribuir efetivamente para o desenvolvimento de seus sócios, administradores, dirigentes eleitos e funcionários.

g) 6º Princípio: Cooperação entre cooperativas.

Trabalhando juntas por meio de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais os movimentos cooperativos efetivamente fortalecem e atendem melhor os sócios.

h) 7º Princípio: Preocupação com a comunidade.

As cooperativas trabalham pelo desenvolvimento sustentável de suas comunidades, por meio de políticas aprovadas por seus membros.

Quanto aos objetivos poderão ser setores desde produtos a serviços, sendo estes de interesses econômico dos associados. A admissão dos mesmos se coaduna com as atividades que exerce, seus direitos são em essência votar e ser votado, ter participação efetiva nos ditames da cooperativa, seja opinando, recebendo benefícios ou pedindo esclarecimento das ações desenvolvidas pela mesma. Entre seus deveres estão fidelidade a ela tais como operar, entregar produtos, pagamento de quotas parte em dia e votar nas

assembleias, enfim todos os compromissos assumidos ao associar-se a entidades cooperativas (BORILE, 2011).

Segundo a organização das cooperativas brasileiras (OCB) existem atualmente 11 tipos de cooperativas segundo seu campo de ação, ou seja, o tipo de atividade em que as cooperativas operam, conforme a necessidade dos cooperados a que atendem.

Silva (2005) apresenta alguns tipos de cooperativas:

- a) Cooperativas de produção: são as que têm como objetivo a transformação de bens e produtos a partir da mão de obra de seus cooperados;
- b) Cooperativa educacional: é organizada por professores e ou pais de alunos. Tem como objetivo gerenciar e promover a educação de seus alunos de forma cooperativista;
- c) Cooperativa de trabalho: são agrupamentos de trabalhadores de uma ou mais profissões, que se propõem a colocar a mão de obra dos seus sócios no mercado de maneira mais vantajosa;
- d) Cooperativas habitacionais: para construção de casas em mutirão, ou por meio de pessoas capacitadas tecnicamente e legalmente, para tal;
- e) Cooperativa agropecuária: composta de produtores rurais ou agropecuários e de pesca, cujos meios de produção pertencem ao associado.

Segundo Lago (2009) o cooperativismo agropecuário apresenta-se como uma forma de organização da produção e coordenação dos sistemas agroindustriais, em um mercado competitivo, os associados buscam participar no cooperativismo agropecuário através da união de suas unidades produtivas em torno de uma cooperativa. Isso se deve ao fato de as cooperativas agropecuárias serem estruturas econômicas intermediárias, oferecendo aos associados agregação de valor aos produtos.

De acordo com Galerani (2002) as cooperativas são essenciais tanto na vida dos produtores rurais, quanto no cenário agrícola nacional, constituindo-se em importante instrumento para organizar e desenvolver, tecnologicamente, o complexo agropecuário brasileiro. Foi por meio das cooperativas agrárias que se consolidou a evolução da agricultura paranaense, promovendo o desenvolvimento da economia regional melhorando as condições do homem que vive na atividade rural.

São grandes as dificuldades para o agricultor familiar adentrar sozinho em um mercado competitivo e globalizado. A implantação de cooperativas de pequenos agricultores rurais torna-se, uma importante ferramenta para a formação de agroindústrias

para processar e comercializar os produtos produzidos nas pequenas propriedades rurais (GALERANI, 2002).

Cooperativas são organizações que funcionam na formação e coordenação do setor primário, sendo intermediárias na relação produção comercialização. Elevando a produção primária local aos diversos mercados, utilizando a agroindustrialização dos produtos, ampliando a produção, diversificando suas atividades e com o poder de barganhar mercado (SOUZA E BRAGA, 2007).

Ferreira (2002) relata que muitas vezes, o recebimento de produtos, pode ser entendido como um custo para a cooperativa, porém, deve ser visto como uma oportunidade de negócios pela comercialização, ou pela possibilidade de manter a fidelização do associado por meio da garantia de um serviço prestado ao mesmo. Já a agroindustrialização de matéria-prima elaborando novos produtos, surgem como oportunidade agregando valor aos mesmos e quando comercializados fora do circuito de atuação da cooperativa, representa uma maneira de divulgação do nome da mesma.

O sistema econômico cooperativista faz das cooperativas a base de todas as atividades de produção e distribuição de riquezas, tudo com o objetivo de difundir as ideias em que se baseia no intuito de atingir o seu desenvolvimento econômico e social (BORILE, 2011).

2.2.3 CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE LARANJA

No Brasil as frutas cítricas foram introduzidas pelas primeiras expedições colonizadoras provavelmente na Bahia, quando o país foi dividido pela Coroa Portuguesa em capitanias hereditárias, que trouxeram novos imigrantes. Assim, em 1540 já existiam laranjais espalhados por todo litoral brasileiro de norte a sul, que aparecem retratados em diários ou pinturas de viajantes (HELLMEISTER, 2012).

A laranja é a principal fruta em termos de valor produzida no Brasil, com 18,1 milhões de toneladas saídas dos pomares em 2010 e responde por 42,9% do volume total da fruticultura, um acréscimo na produção em 2,7% em relação a 2009. O estado de São

Paulo é o principal produtor com 13,9 milhões de toneladas, com participação de 76,6% do volume IBGE, 2010.

O Brasil possui uma das maiores variedades de citros (laranjas, tangerinas e limões), representados por 210 milhões de árvores localizadas em São Paulo e Triângulo Mineiro, sendo a principal fonte econômica de 330 municípios, respondendo a 420 mil empregos diretos, movimentando US\$ 7 bilhões anualmente e gerando US\$ 1, 2 bilhão ao ano em exportações. A citricultura brasileira destaca-se por seu valor de produção e considerável geração de empregos diretos e indiretos, seus pomares estão distribuídos por todo o Brasil em área superior a 900 mil hectares (IBGE, 2010).

Atualmente o Brasil é o maior produtor de laranjas no mundo, com aproximadamente 25% da produção mundial - estimada em 47.010 mil toneladas seguido por EUA, China, Índia, México, Egito e Espanha. Estes 7 países produzem 68% de toda a laranja disponível, embora utilizem suas produções de maneiras diferentes. Na produção de suco de laranja o destaque brasileiro é ainda maior. Apenas na região de São Paulo e Triângulo Mineiro, conhecida como Citrus Belt, o Brasil produz 53% de todo o suco de laranja produzido no mundo. Além disso, somos responsáveis por 85% da exportação mundial de suco de laranja, o que significa, na prática, que a grande maioria do suco de laranja tomado em todo o mundo é feito no Brasil. Os Estados Unidos aparecem como o segundo maior produtor mundial de citros com 9 milhões de toneladas, seguido de China e México, que produziram 5 e 4 milhões de toneladas respectivamente. Historicamente, a produção brasileira tem permanecido acima de 30% da produção mundial da fruta e juntos, Brasil e EUA, representam mais de 50% da produção mundial, Brasil (HELLMEISTER, 2012).

O Departamento de Estudos Socioeconômicos (DESER), da Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário do Paraná (MDA-PR), apresenta interessante trabalho sobre a Cadeia Produtiva da Laranja, e comentam que a soja é o principal produto agrícola exportado pelo Brasil. Em 2006, o suco de laranja congelado ficou em 9º lugar, após o complexo da soja; carnes; produtos florestais; complexo sucroalcooleiro; couros e produtos de couro; café; fumo e seus produtos; fibras e produtos têxteis. Em relação a 2005, o valor das exportações de suco de laranja aumentou 31%, um dos produtos da pauta brasileira de exportações que mais cresceu no Brasil (HELLMEISTER, 2012).

2.2.4 PROPRIEDADE, CARACTERÍSTICAS DEFINIÇÕES E PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUCO DE LARANJA.

Suco de fruta por definição de, González (2009) sugere como suco todo produto obtido por extração de frutas maduras por processos tecnológicos adequados. Como o foco do trabalho é a elaboração de um projeto que visa realizar o estudo de viabilidade econômico financeira para a implantação de uma agroindústria de suco de laranja natural em Nova Laranjeiras - PR, direcionando o contexto e o conteúdo do trabalho precisa-se conceituar e descrever o que é suco integral.

Faz-se necessário o atendimento a legislação específica de identidade e qualidade para o produto ser caracterizado suco de fruta, como mostra o art. 5 da lei complementar nº 8.918 de 14 de julho 1994 como segue:

Art.5. Suco ou sumo é a bebida não fermentada, não concentrada e não diluída, destinada ao consumo, obtida da fruta madura e sã, ou parte do vegetal de origem, por processamento tecnológico adequado, submetida a tratamento que assegure a sua apresentação e conservação até o momento do consumo.

Para a obtenção de um produto de qualidade, o sistema de processamento do suco é composto por várias etapas que segue a um fluxograma estruturado. Faz parte do processo voltado a uma pequena agroindústria de sucos naturais a ordem de utilização:

- Recepção e armazenagem
- Seleção
- Limpeza
- Extração
- Pasteurização
- Embalagem
- Estocagem.

2.2.5 RECEPÇÃO E ARMAZENAGEM

O processo de produção de suco começa com a recepção da fruta, para a fabricação o ideal é que as frutas saiam diretamente do pomar, as laranjas devem estar bem maduras, para produzirem um suco de melhor qualidade. Além de ser uma variável importante, é recomendado o menor tempo possível de estocagem garantindo assim a laranja mais fresca (SILVA, 2009).

2.2.6 SELEÇÃO

O processo de seleção merece muita atenção, deve ser feito manualmente visando retirar todas as frutas danificadas, pois como o produto será vendido em sua forma integral, passará apenas por processo de pasteurização. Caso alguma fruta com sua casca danificada ou grau de maturação incorreto passe para o estágio de extração, essa fruta afetará o produto, tendo em vista que o suco não receberá substâncias aditivas que possam corrigir seu sabor (SILVA, 2009).

2.2.7 LIMPEZA

Para a limpeza da fruta, utiliza-se uma solução de água e cloro. A fruta deve ser escovada com essa solução para retirar a poeira de sua superfície e ter ação antibactericida, além de retirar alguma outra possível impureza contaminante. Após o processo de escovação a fruta deverá ser enxaguada com água (SILVA, 2009).

2.2.8 EXTRAÇÃO

A extração de suco de laranja deve ser feita de forma rápida para evitar danos irreparáveis na qualidade. A extração do suco ocorre pela ação de prensas em máquinas es-

pecíficas para esse fim, as quais cortam a casca da laranja para permitir a extração do suco, direcionando seu material a três depósitos diferentes, sendo um para casca, outro para bagaço e outro para o suco. O separador é incorporado à máquina de forma a não permitir contato manual com o suco durante esse processo, mitigando assim o risco de contaminações (SILVA, 2009).

2.2.9 PAUSTERIZAÇÃO

A pasteurização é um tratamento térmico no qual é realizado o processo de elevação de temperatura do alimento a valores em torno de 80 a 100 graus Celsius por alguns segundos. O processo garante que os microrganismos patogênicos sejam eliminados, evitando assim doenças aos consumidores e aumentando o prazo para consumo do alimento. O tratamento térmico, como a pasteurização, inevitavelmente provoca alterações no sabor e no aroma de suco. A não adição de componentes químicos ao suco pasteurizado confere-lhe a condição de integral (LASTE, HOSS E ANTONIAZZI, 2002).

2.3 EMBALAGEM

O processo de embalagem do suco é simples, ao sair do pasteurizador, o suco está em uma temperatura que varia entre 2 e 5 graus Celsius e deve ser envasado diretamente em sua embalagem de venda, pois dessa forma o produto fica menos tempo em contato com o ar. Os sucos integrais são envasados em garrafas de plástico ou vidro, em volumes diversos, sendo os mais usuais com volumes de 500 ml e 1.000 ml para atender o varejo e em galões de 20 litros para atender restaurantes e empresas de alimentação (SILVA, 2009).

2.3.1 ESTOCAGEM

A estocagem do suco deve ocorrer em câmara fria, na sua embalagem de venda, os controles de temperatura e iluminação são utilizados para garantir a preservação da vida útil e a qualidade do produto. A refrigeração é uma operação unitária na qual o suco de laranja é mantido a baixas temperaturas, inferior a dez graus sem que ocorra a formação de gelo. As baixas temperaturas são usadas para reduzir a taxa de alterações bioquímicas e microbiológicas prolongando a vida útil do alimento. Os compostos que estão presentes na parte líquida da fruta é o que propicia o aroma e o sabor do suco. O suco integral de laranja por ser totalmente natural e sem a adição de aditivo químico se mostra como um alimento importante e saudável na dieta diária dos seres humanos (SILVA, 2009).

2.3.2 MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DE INVESTIMENTOS

É necessário demonstrar o investimento que vai ser realizado, através de ferramentas financeiras, comprovando o que o administrador está dizendo, não basta afirmar se o projeto é viável ou não, tem que mostrar através da matemática. Todos os instrumentos que vão ser abordados VPL, TIR, PAYBACK e TMA possuem vantagens e desvantagens que serão demonstrados (SANVICENTE, 2011).

2.3.2.1 VALOR PRESENTE LÍQUIDO (VPL)

Definição: Soma algébrica de todos os valores de fluxo de caixa descontados para o instante presente, a uma taxa de desconto i

Fórmula:

$$VPL(i) = \sum_{j=1}^n \left[\frac{FC_j}{(1+i)^j} \right]$$

Notação:

- i é a taxa de desconto
- j é o período considerado
- FC_j é um fluxo de caixa qualquer, genérico, para $j=[0 ; n]$

Outra expressão:

$$VPL(i) = FC_0 + \sum_{j=1}^n FC_j / (1+i)^j$$

Para o cálculo do VPL são descontados os fluxos de caixa de determinado projeto a uma taxa específica, que é o mínimo de retorno que o investidor exige que o investimento tenha. Por meio deste método torna-se possível mostrar quanto o projeto está gerando de riqueza para o proprietário (SANVICENTE, 2011).

O VPL é um indicador financeiro mais completo do que o custo de implantação ou valor atual das receitas do projeto, pois levam em conta essas duas variáveis. Não seria interessante comprar projetos pelo seu custo de implantação, pois podem ter receitas diferenciadas, bem como não seria interessante compra-los pela receita, pois podem ter custos de implantação diferenciados. Sendo assim, o VPL é considerado o melhor indicador, pois leva em conta o valor atual do fluxo de receitas do projeto descontado o custo de implantação e por isso é chamado de Valor Presente Líquido (CAMPBELL DINSMORE, CAVALIERI, 2001).

Para entender as maneiras de aplicação do VPL é necessário entender o conceito de valor futuro presente, ou seja, quando se tem um dinheiro hoje e quer saber quanto esse valor vai ser daqui a 5 anos, considerando uma determinada taxa chamada valor futuro ou capitalização. Um VPL maior que zero, diz que o projeto é viável, pois apresenta uma rentabilidade superior à taxa mínima exigida (TMA) o projeto é aceito. O VPL negativo mostra que não vale a pena ser feito o projeto, significando que os ganhos futuros descontados a uma determinada taxa não vão ser suficientes para cobrir o desembolso no instante zero (CAMPBELL DINSMORE, CAVALIERI, 2001).

2.3.2.2 TAXA INTERNA DE RETORNO (TIR)

Índice relativo que mede rentabilidade em um dado período

Fórmula:
$$\sum_{j=0}^n \left[FC_j \left(\frac{1}{1+i} \right)^j \right] = 0$$

O critério mais utilizado para determinar a viabilidade econômica de um projeto é a TIR (taxa interna de retorno) o qual possui cálculos mais sofisticados, tornando-se mais complexo. A TIR consiste na taxa de desconto que faz com que o VPL seja zero, fazendo com que as entradas futuras de caixa se igualem ao desembolso inicial do projeto (GITMAN, 2000).

De acordo com Gitman (1999), a TIR é possivelmente a técnica mais utilizada para avaliação de investimentos. A TIR é usada para aceitar ou rejeitar determinado projeto, na medida em que esse indicador for maior que o custo de oportunidade ajustado ao risco aceita-se o projeto, já o contrário aponta para o projeto ser rejeitado.

A TIR apesar da facilidade de entendimento requer alguns cuidados em sua interpretação, no cálculo da TIR de investimento há o pressuposto de que todos os valores caminham no tempo pela própria TIR, ou seja, os fluxos de caixa negativa seriam financiados pela TIR e os fluxos de caixa positivos também seriam reinvestidos pela TIR. Neste caso, quando a TIR apurada é muito diferente das taxas de aplicação e capacitação do dinheiro no mercado, sua interpretação não é verdadeira (GITMAN, 2000).

Quando um projeto é representado por um fluxo de caixa não convencional, ou seja, onde há varias inversões de sinais entre fluxos de caixa positivos e negativos, o projeto pode apresentar mais de uma TIR (positivas ou negativas) ou até existir solução. No caso, a TIR apurada pode não ter significado na análise do investimento. Diante desses problemas na análise de determinado investimento, é aconselhável também, utilizar outros indicadores, como o VPL (BRAGA, 2011).

2.3.2.3 PAYBACK

Fórmula do *payback* descontado

$$FCC(t) = -I + \sum_{j=1}^t (R_j - C_j) / (1+i)^j; 1 \leq t \leq n,$$

Onde:

FCC (t) é o valor atual do capital, ou seja, o fluxo de caixa descontado (para o valor presente) cumulativo até o instante t;

I é o investimento inicial (em módulo), ou seja, -I é o valor algébrico do investimento, localizado no instante 0 (início do primeiro período);

R_j é a receita proveniente do ano j;

C_j é o custo proveniente do ano j;

i é a taxa de juros empregada.

j é um índice genérico que representa os períodos j=1 a t.

Payback é um dos critérios mais utilizados para avaliar um investimento. O período de *payback* é o tempo necessário para obter o dinheiro investido de volta, ou seja, o tempo em que o investimento feito inicialmente vai ser recuperado. Em muitos casos os investidores que fazem análise da viabilidade de projeto, utilizam o *payback* como um complemento da VPL e TIR, já que esses critérios não mostram em quanto tempo o dinheiro aplicado vai ser recuperado (ARAÚJO, 2010).

Com a preocupação do investidor em saber quando vai ter o montante investido de volta, a utilização do método *payback* é o mais indicado, por ser um dos critérios mais simples acaba sendo, o mais utilizado pelos administradores pela facilidade no cálculo, a segurança que oferece ao informar o período em que o dinheiro investido vai ser devolvido (RASOTO, 2012).

O *Payback* simples é a medida de liquidez do projeto, podendo ser utilizado como referência para julgar a atratividade relativa das opções de investimento. É o critério que

indica o tempo necessário para obter o dinheiro investido de volta, sem renumeração, não considera o valor do dinheiro no tempo. O referido indicador é considerado o mais simples método de avaliação, sendo definido conforme a escala utilizada o número de anos ou meses necessários para que o desembolso correspondente ao investimento inicial seja recuperado, igualado e superado pelas entradas líquidas acumuladas (SANVICENTE, 2011).

Para aceitar ou não o *payback* no projeto observa-se: se o *payback* for inferior ao máximo aceitável o projeto é realizado, se o projeto apresentar um *payback* superior ao máximo não deve ser aceito. O fato de que o *payback* simples não considera os períodos posteriores ao período de recuperação do investimento é uma desvantagem. Outra desvantagem que o *payback* simples apresenta frente aos outros critérios de investimento, que o *payback* máximo aceitável é o padrão para determinar se o projeto é aceitável é totalmente arbitrário, e pode ser escolhido da maneira que o gestor preferir (SANVICENTE, 2011).

O *payback* descontado, é a análise do prazo de recuperação do capital investido com renumeração, traz o fluxo de caixa a valor presente em forma de juros compostos e mede a rentabilidade do projeto. A vantagem do referido indicador sobre o *payback* simples, é que ele considera o valor do dinheiro no tempo, porém apresenta o mesmo problema do *payback* simples, por desconsiderar os fluxos posteriores ao período de recuperação do dinheiro (ARAÚJO, 2010).

2.3.2.4 TAXA MÍNIMA DE ATRATIVIDADE (TMA)

A TMA representa o mínimo de retorno exigido pelo investidor. Na hora de avaliar a viabilidade do projeto, tem que ter no mínimo o retorno exigido pelo mesmo. A taxa mínima de atratividade descrita por Gitman (2000) é composta por basicamente três fatores:

- O custo de oportunidade;
- Risco do negócio;
- Liquidez.

A cerca da composição da TMA podemos afirmar que o custo de oportunidade é o seu ponto de partida, já que o mesmo representa a remuneração que teríamos caso não aplicássemos no projeto analisado, por ex: caderneta de poupança ou fundo de investimento. O segundo componente da TMA é o risco do negócio, o ganho tem que remunerar o risco inerte ao projeto, se o dinheiro for investido em caderneta de poupança, o risco associado é pequeno, entretanto a remuneração é condizente com o risco, quanto maior o risco maior a remuneração esperada. O projeto só será interessante se o rendimento for superior à taxa obtida em aplicações de mínimo risco. Ao se investir em um determinado projeto o investidor exige um retorno igual ao que ele teria se aplicasse seu capital no mercado financeiro (FERREIRA, 2010).

A liquidez é descrita como a facilidade, a velocidade em que se pode sair de uma posição no mercado para assumir outra, a liquidez possui duas dimensões: facilidade de conversão versus perda de valor, qualquer ativo pode ser convertido em caixa rapidamente desde que se reduza suficientemente o preço. Um ativo de alta liquidez é aquele que pode ser vendido rapidamente sem perda significativa de valor (ROSS, WESTERFIELD, 1998).

O custo de capital pode ser definido como a taxa de retorno que a empresa precisa obter sobre as seus projetos de investimentos, para montar o valor de mercado de suas ações. Ele pode ser também considerado como a taxa de retorno exigida pelos fornecedores de capital de mercado, para atrair seus fundos para a empresa (GITMAN, 2000).

As limitações deste critério são a confiabilidade das estimativas de fluxo de caixa futuras e da taxa mínima de atratividade ajustada ao risco. Brigham e Houston (1999), dizem que a etapa mais importante e difícil é a estimativa dos fluxos de caixa futuros, por envolver previsões de quantidade e preços de produtos e insumos, considerando a identificação dos fluxos de caixa relevantes, diferenciais ou incrementais.

2.3.2.5 FLUXOS DE CAIXA (FC)

Um fator básico para o crescimento e sobrevivência das organizações é o planejamento financeiro. O controle do fluxo de caixa é uma atividade simples geradora de um grande número de informações úteis para tomadas de decisões gerenciais. A demonstração de fluxo de caixa permite ao administrador financeiro planejar as finanças empresariais de forma que o caixa se torne equilibrado, isto é, sem excesso e nem falta de

caixa, com o necessário para cumprir os compromissos da organização. Assim as sobras são visualizadas, o que auxilia na determinação do melhor momento para sua aplicação ou na verificação de quando serão necessários empréstimos para suprir as dívidas de períodos anteriores (SANVICENTE, 2011).

O fluxo de caixa dos ativos envolve três componentes: fluxo de caixa operacional, gastos de capital e variação do capital de giro líquido. O fluxo de caixa operacional refere-se ao fluxo de caixa resultante das atividades cotidianas de produção e venda. O fluxo de caixa é uma ferramenta de extrema importância para as empresas, que na grande maioria buscam ter o controle das entradas e saídas de recursos. Muitas empresas desconhecem essa ferramenta ou até mesmo utilizam de maneira errada, não conseguindo ter um controle eficaz dos recursos da empresa (ROSS; WESTERFIELD, 1998).

Com o fluxo de caixa é também possível projetar resultados e fazer previsões baseadas em dados passados e presentes de quanto dinheiro vai sobrar e conseqüentemente ser investido, maximizando o que sobrou de caixa. O fluxo de caixa mostra impactos de um possível aumento ou diminuição das vendas, apresenta também impactos resultantes de variações no custo de produção (RASOTO, 2012).

Os conceitos de fluxo de caixa convencional e não convencional é muito necessário para o estudo da viabilidade econômica, pois possuem ferramentas que determinam a viabilidade do projeto que não são eficientes com fluxos de caixa não convencionais como a TIR. Os fluxos de caixa convencionais são aqueles que apresentam no instante zero uma saída de caixa que é o investimento inicial que é, por exemplo, a aquisição de uma máquina e nos outros meses apresenta entradas de caixa que são os ganhos provenientes do ativo instalado. Já os fluxos de caixa não convencionais apresentam um investimento inicial e nos outros anos podem apresentar também outras saídas de caixa, que podem ser um reparo, uma reforma no ativo e assim representar outras saídas de caixa além do investimento inicial (ROSS; WESTERFIELD, 1998).

3. METODOLOGIA

Método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, permitem alcançar o objetivo, conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. Esses sistemas garantem confiabilidade, permitindo à produção científica demonstrando compromisso daquilo que afirmam, sendo assim conclusões baseadas na realidade (MARCONI e LAKATOS, 2010).

Para Gil (1996), pesquisa é o procedimento racional e sistemático que objetiva proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Pesquisar e buscar conhecimento. A presente seção apresenta o delineamento da pesquisa com respectivo enquadramento metodológico.

Quanto à classificação da pesquisa a mesma enquadra-se como descritiva, retratando a realidade dos fatos sem o intuito de alterá-los. Este tipo de pesquisa tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de correlações entre as variáveis e fatos (GIL, 1999; MARTINS, 2002).

O projeto visa avaliar a viabilidade econômico-financeira de implantação de uma agroindústria de suco de laranjas. No intuito de alcançar a proposta de pesquisa, optou-se por um estudo de caso junto à Cooperativa Monjolo. A escolha se deve aos seguintes critérios:

- a) Cooperativa voltada para produção agroecológica;
- b) Agricultura familiar;
- c) Atividades hortifrutigranjeiras.

Quanto à abordagem do problema de pesquisa, o estudo classifica-se como qualitativo.

3.1 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O estudo de caso será efetuado na cooperativa regional de produção e comercialização dos agricultores familiares de Nova Laranjeiras, Cooperativa Monjolo, situada na cidade de Nova Laranjeiras - Paraná, rua Santa Catarina, lote 02 situado às

margens da BR 277, km 470 junto a Central de Comercialização. A coleta de dados dar-se-á por meio de entrevista semiestruturada, aplicada ao presidente da cooperativa e, possivelmente com funcionários e produtores, a fim de identificar diagnosticar a estrutura administrativa e funcional da referida cooperativa.

Segundo Yin (2001) estudo de caso é circunscrito a uma ou poucas unidades, entidades essa como uma pessoa, uma família, um produto, uma empresa um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento.

A pesquisa classifica-se ainda como documental devido às informações obtidas junto aos documentos da cooperativa. Algumas informações relacionadas a dados de produção e comercialização, utilizadas para contribuir no processo de análise, foram retiradas de relatórios contábeis e gerenciais.

3.2 ANÁLISES DOS DADOS

A partir da estimativa do investimento inicial e com base na projeção de fluxo de caixa líquidos (receita – custos) aplicou-se os índices de viabilidade econômico financeiro, para um horizonte de tempo de cinco anos.

Os índices utilizados foram VPL, TIR, PAYBACK, TMA, os quais irão considerar uma taxa mínima de atratividade.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A presente seção apresenta a caracterização da agroindústria de suco de laranja.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA

No presente estudo propõem-se analisar a viabilidade econômica e financeira de uma agroindústria de suco de laranja, como uma atividade de negócio da cooperativa Monjolo.

A cooperativa regional de produção comercialização e agroindustrialização dos agricultores familiares de Nova Laranjeiras, Coop. Monjolo foi fundada em novembro de 2009, pelo grupo que fazia parte da associação de agricultores familiares do município de Nova Laranjeiras, inicialmente com 36 associados, objetivando oportunizar o seu quadro de associados a melhoria de acesso à geração de trabalho e comercialização com agregação de valor aos produtos agrícola (ATA, COOPERATIVA MONJOLO, 2009),

A sede da cooperativa está construída no mesmo da Central de Comercialização, o espaço possibilitará a comercialização de produtos de associações e cooperativas da agricultura familiar do território da Cantuquiriguaçu, funcionando como um ponto de distribuição. No mesmo local está em funcionamento uma indústria de pães e massas, uma agroindústria de conservas de pepino, onde produz pequenas quantidades em fase experimental, uma máquina de fazer suco de uva, os produtos são comercializados pela cooperativa nos programas institucionais dos quais a mesma participa e venda ao público diretamente no local.

O principal objetivo da Cooperativa Monjolo é desenvolver uma agricultura sustentável, que viabilize a produção do pequeno agricultor sem impacto negativo para o meio ambiente. Para tanto a cooperativa responsabiliza-se por diversas atividades da cadeia produtiva de hortifrutigranjeiros como compra de insumos, oferta das mudas e sementes para o plantio e em alguns casos orienta na fabricação de (biofertilizantes e compostos orgânicos). Orienta e faz indicação de empresas para implantação de sistemas de irrigação, na criação de animais para abate, produção de mel entre outros e disponibiliza o transporte e processamento bem como a comercialização dos produtos. No momento está em fase de implantação o projeto de horta Mandala da FBB (Fundação Banco do Brasil) que será instalado na propriedade de seus associados.

A cooperativa busca divulgar a proposta de agroecologia pela articulação e formação de grupos de agricultores e com prestação de assistência técnica, reuniões e seminários, desenvolvimento de projetos de pequenas agroindústrias a fim de agregar valor aos produtos dos associados. Já foram aprovados os projetos para a aquisição de um caminhão furgão para a coleta e distribuição dos produtos e o de construção de um novo barracão para ampliação das instalações.

A cooperativa possui seis funcionários, dos quais dois padeiros, um motorista, um secretário, um técnico agropecuário e um auxiliar administrativo, o caminhão que faz a coleta e distribuição é alugado pela prefeitura. A reserva indígena Rio das Cobras em

acordo com a cooperativa fornece dois funcionários que trabalham na coleta e distribuição dos produtos.

Conforme dados da administração a cooperativa conta hoje com 70 agricultores associados e mais 60 inscritos nos projetos, somando um total de 130 produtores fornecendo produtos para comercialização na cooperativa. A cooperativa participa dos projetos de aquisição de alimentos do governo federal, do governo estadual e municipal (PAA; PNAE) fornecendo produtos para a merenda escolar estadual e municipal em todas as escolas dos municípios da região.

Para dar início ao funcionamento da agroindústria se faz necessário um investimento inicial de R\$ 88.955,0000 (oitenta e oito mil novecentos e cinquenta e cinco reais), no qual estão inclusos todos os valores utilizados nas aquisições dos bens imobilizados. Como demonstrado no quadro 1 o investimento especificado para operacionalização da agroindústria, no que tange o processo produtivo, necessita-se de R\$ 78.754,46 (setenta e oito mil setecentos e cinquenta reais e quarenta e seis centavos). No tocante aos moveis e utensílios relacionados com a produção, o valor total é de R\$ 2.412,54 (dois mil quatrocentos e doze reais e cinquenta e quatro centavos). Haverá necessidade de uma estrutura administrativa, compreendendo moveis e equipamentos de informática, cuja estimativa é de R\$ 7.788,00 (sete mil setecentos e oitenta e oito reais). Também fazem parte desse montante o valor direcionado para capital de giro no valor de R\$ 100.00,00 (cem mil reais), destinados para a aquisição de estoques e pagamentos de credores, somando um total de R\$ 188.955,00 (cento e oitenta e oito mil novecentos e cinquenta e cinco reais).

QUADRO 1: INVESTIMENTO INICIAL DA AGROINDÚSTRIA DE SUÇO DE LARANJA, NO ANO DE 2014.

INVESTIMENTO INICIAL			
QT	ESPECIFICAÇÃO	UNITÁRIO EM R\$	TOTAL EM R\$
3	Armário de aço para escritório	836,10	2.508,30
1	Arquivo fichário	192,00	192,00
3	Computadores	929,00	2.789,00
3	Cadeiras de escritório	239,00	239,00
3	Mesas de escritório	350,00	350,00
4	Banquetas	127,42	509,70
1	Condicionador de ar	1.200,00	1.200,00
1	Maquina extratora de suco/OTTO1800	29.800,00	29.800,00
1	Mesa com tanque de lavagem e preparo	9.341,00	9.341,00
1	Mesa de seleção da fruta	4.774,00	4.774,00
1	Envasadeira com tanque de lavagem/emba.	13.000,00	13.000,00
1	Balança comercial capacidade de 150Kg	1.760,00	1.760,00
1	Refratômetro	299,00	299,00
100	Caixa de mercado cap. 40.8	15,90	1.590,00
1	Armário guarda roupa	239,00	239,00
6	Jogos de uniforme	58,00	348,00
1	Pasteurizador	20.016,72	20.016,00
	Total		88.955,00
	Capital de giro		100.000,00
	Total		188.955,00

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

A referida agroindústria funcionará em um espaço, atualmente ocioso, com área de 100 m². A cooperativa Monjolo aluga o referido espaço juntamente com a câmara fria com capacidade de 80.000 (oitenta mil litros). O valor do aluguel consta da estimativa dos custos fixos.

Os dados foram obtidos mediante consultas via email, telefone e sites na internet, com empresas de vendas e fabricação de máquinas e equipamentos, moveis e utensílios.

4.2 PROJEÇÃO DOS RESULTADOS

4.2.1 Receita Operacional

Na projeção dos resultados estimou-se uma receita com base e uma produção de quantidade em litros, embalagens de 500 ml, um litro e vinte litros. Os diferentes tipos foram indicados para facilitação nas vendas.

Considerando a capacidade de produção, anualmente, assim como uma previsão de mercado, projetou-se uma quantidade em litros equivalente de 569.600 (quadro 2) Sequencialmente com a projeção da quantidade em litros, foi possível estimar a renda, com base em um preço de mercado equivalente a R\$ 5,00 (cinco reais) o litro.

QUADRO 2: PROJEÇÃO DO VOLUME DE VENDAS EM LITROS DE SUCO DE LARANJA DA AGROINDUSTRIA NOS ANOS DE: 2014,2015,2016,2017,2018.

VOLUME DE VENDAS EM LITROS				
Data/embalagem	500 ml	1 litro	20 litros	Total em litros
Abril 2014	3.456	3.456	10.368	17.280
Mai 2014	3.456	3.456	10.368	17.280
Junho 2014	3.072	3.072	9.216	15.360
Julho 2014	3.648	3.648	10.944	18.240
Agosto 2014	3.456	3.456	10.368	17.280
Total 2014	17.088	17.088	51.264	85.440
Total 2015	19.936	19.936	59.680	99.680
Total 2016	22.787	22.787	68.352	113.920
Total 2017	25.632	25.632	76.896	128.160
Total 2018	28.480	28.480	85.440	142.400
Total				569.600

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

O preço de venda foi obtido através de informações do departamento comercial da cooperativa. Multiplicando o preço de venda unitário do suco pelo volume previsto de vendas, resultou uma receita de R\$ 2.848.030,00 (dois milhões oitocentos e quarenta e oito mil e trinta reais), conforme evidenciado no Quadro 3.

QUADRO 3: VOLUME DE VENDAS EM VALORES MONETÁRIOS DA AGROINDÚSTIA DE SUCO DE LARANJA, NOS ANOS DE 2014, 2015, 2016, 2017, 2018.

VOLUME DE VENDAS EM VALORES MONETÁRIOS				
Data/embalagem	500 ml	1 litro	20 litros	Total em R\$
Abril 2014	17.280	17.280	51.840	86.400,00
Mai 2014	17.280	17.280	51.840	86.400,00
Junho 2014	15.360	15.360	46.080	76.800,00
Julho 2014	18.240	18.240	54.720	91.200,00
Agosto 2014	17.280	17.280	51.840	86.400,00
Total 2014	85.440	85.440	256.320	427.200,00
Total 2015	99.680	99.680	298.400	498.400,00
Total 2016	113.935	113.935	341.760	569.630,00
Total 2017	128.160	128.160	384.480	640.800,00
Total 2018	142.400	142.400	427.200	712.000,00
Total	569.615	569.615	1.708.160	2.848.030,00

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

4.2.2 Custos operacionais

Considerou-se no presente estudo como custos operacionais a matéria prima, laranja e material de embalagens.

A matéria prima esta composta pelas quantidades de laranja em Kg, adquiridas no valor de R\$ 0,85 o Kg (quilograma) que serão utilizadas na produção do suco em cada ano, em uma capacidade instalada com máquina, de 200 litros por hora, operando 8 horas por dia, cinco dias por semana, de inicio com capacidade produtiva de 60%, 70%, 80%, 90%, e 100% respectivamente.

Diante dos números evidenciados, os valores totais estimados dos custos da matéria prima e embalagens são de R\$ 1.473.316,93 (um milhão quatrocentos e setenta e três mil trezentos e dezesseis reais e noventa e três centavos).

QUADRO 4: CUSTOS DA MATÉRIA PRIMA LARANJA E EMBALAGEM DA AGROINDÚSTRIA DE SUCO DE LARANJA

CUSTO TOTAL DAS MATÉRIAS PRIMAS (CUSTOS VARIÁVEIS)						
	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Laranja (Kg)	154.498	180.225	205.804	231.756	257.640	
Laranja (R\$)	131.323,30	153.191,25	174.933,40	196.992,60	218.994,00	875.434,55
EMB/500 ML	9.056,40	10.566,08	12.077,11	13.584,96	15.094,40	
EMB/ 1000 ML	6.766,85	7.894,66	9.023,65	10.150,27	11.278,08	
EMB/20 LITROS	75.159,84	88.326,40	101.646,40	113.806,08	126.451,20	
Total EMB.(R\$)	90.983,09	103.787,14	122.747,16	127.541,31	152.823,68	597.882,38
Total custos variáveis(R\$)	222.306,39	256.980,14	297.682,16	324.533,31	371.817,69	1.473.316,93

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

4.2.3 Gastos fixos.

O valor relativo aos gastos fixos estão evidenciados no Quadro 5, o qual retrata um montante estimado com base no valor pago pela mão de obra da produção da agroindústria e os funcionários da cooperativa, feito o rateio de forma linear. Os demais gastos foram feitos com base no histórico da cooperativa.

Os custos fixos foram construídos com base da folha de pagamentos dos funcionários somando R\$ 326.338,44 (trezentos e vinte e seis mil trezentos e trinta e oito reais e quarenta e quatro centavos), nos cinco anos projetados, os outros custos fixos, necessários para o funcionamento da agroindústria totalizam R\$ 119.692,66 (cento e dezenove mil seiscentos e noventa e dois reais e sessenta e seis centavos).

QUADRO 5: GASTOS FIXOS DA AGROINDÚSTRIA DE SUCO DE LARANJA

Custos Fixos	2014 *	2015 *	2016*	2017*	2018*	Total
Salário dos funcionários	39.263,58	41.529,09	43.925,32	46.459,81	49.140,54	220.318,34
Salário da secretária	2.844,00	3.054,07	3.230,29	3.416,68	3.613,82	16.158,86
Encargos folha de pagamentos	16.000,88	16.941,60	17.919,13	18.953,07	20.046,66	89.861,34
Água	1.804,00	1.908,10	2.008,20	1.124,10	1.189,00	8.033,40
Aluguel de prédios	1.895,00	2.004,34	2.119,63	2.241,93	2.371,29	8.627,85
Materiais de escritório	950,00	1.004,80	1.062,70	1.124,10	1.188,10	4.267,00
Seguros	1.600,00	1.692,30	1.789,90	1.893,10	2.002,30	8.977,60
Manutenção	5.000,00	5.288,50	5.593,60	5.916,30	6.257,67	28.056,07
Despesas contábeis	1.800,00	1.908,10	2.018,20	2.134,60	2.257,70	10.118,60
Software pagamentos	1.647,00	1.712,00	1.810,80	1.915,20	2.025,70	9.110,70
Telefone fax e internet	1.712,22	1.776,42	1.878,92	1.977,32	2.091,42	9.436,30
Energia elétrica	5.563,92	6.308,04	6.672,01	7.056,99	7.464,18	33.065,14
Total (R\$)	80.080,60	83.123,02	88.966,00	94.213,20	99.648,38	446.031,20
* Variação da inflação (média)						

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

4.2.4 Fluxo de Caixa (FC)

Para construir a planilha de projeção do fluxo de caixa foi necessário capilar os dados e custos, já projetados nas seções desse trabalho. Os números foram projetados para um horizonte de cinco anos a contar de 2014, no (Quadro 6) os dados são evidenciados.

A referida projeção permitiu, por meio dos indicadores de viabilidade econômica, avaliar a viabilidade do projeto.

QUADRO 6: PROJEÇÃO DOS RESULTADOS DO FLUXO DE CAIXA (FC) PARA AGROINDÚSTRIA DE SUÇO DE LARANJA

PROJEÇÃO DOS RESULTADOS											
Ano	2014	%	2015	%	2016	%	2017	%	2018	%	TOTAL
Receitas	427.200,00		498.400,00		569.600,00		640.800,00		712.000,00		2.848.000,00
Custos variáveis	222.306,35	52	257.171,30	52	297.680,50	52	324.533,91	51	371.811,68	53	1.473.503,74
Custos fixos	80.080,60	19	83.123,02	17	88.966,00	16	94.213,20	15	99.648,38	13	446.031,20
Resultados	124.813,10	29	158.296,84	31	182.951,84	32	222.053,49	34	240.533,93	34	928.649,20
Lucratividade	37%		37%		38%		37%		34%		

Fonte: Elaborada pela autora (2013).

A referida projeção permitiu, por meio dos indicadores de viabilidade econômica, avaliar a viabilidade do projeto.

4.3 Avaliação da Rentabilidade do Capital Investido

A viabilidade do empreendimento ocorre a partir do momento em que as operações da empresa geram retorno sobre o investimento inicial. A fim de analisar a viabilidade econômica financeira da implantação da agroindústria, calculou-se com métodos tradicionais de realizar a análise de investimentos, apresentados nesta seção no Quadro 7.

O resultado dos cálculos dos indicadores VPL, *Payback* descontado e *Payback* simples, TIR, que juntos apresentam a viabilidade econômica financeira da empresa estudada.

Os dados foram submetidos aos cálculos de viabilidade, considerando alguns critérios de risco e variação de preços. Nesse sentido, foi considerada uma taxa mínima de atratividade (TMA) em diferentes estágios de simulação (TMA 12%, 18%, 25%), a seguir são evidenciados os resultados.

A taxa interna de retorno foi 77,54 % ao ano, maior do que a taxa mínima de atratividade que era de 12% ao ano, significando que o investimento é economicamente atrativo.

O prazo para recuperar o investimento será de aproximadamente 1,62 (um ano e seis meses) após a abertura do negócio, considerando o *Payback* descontado.

O Valor Presente Líquido (VPL) é de R\$ 456.127,42 (quatrocentos e cinquenta e seis mil e cento e vinte e sete reais e quarenta e dois centavos). Nesse caso com o VPL maior que zero, a empresa vai obter um resultado maior que seu custo de capital. Para Bricham e Huston (1999) um VPL zero significa que os fluxos de caixa do projeto são suficientes para recuperar capital investido a taxa de retorno exigida para o projeto.

QUADRO 7: ANÁLISE DOS INVESTIMENTOS E FLUXOS DE CAIXA (FC) DA AÇOINDÚSTRIA DE SUCO DE LARANJA

ANÁLISE DOS INVESTIMENTOS E FLUXO DE CAIXA (FC)						
				FC 1	FC 2	FC 3
	Projeto 1	Projeto 2	Projeto 3	(88.955,00)	(88.955,00)	(88.955,00)
TMA:	12,00%	18,00%	25,00%	124.813,10	124.813,10	124.813,10
VPL:	456.127,42	361.169,11	275.309,14	158.296,84	158.296,84	158.296,84
Payback Desc.:	1,62	1,73	1,88	182.951,84	182.951,84	182.951,84
Payback:	1,41	1,41	1,41	222.053,49	22.053,49	22.053,49
TIR:	77,54%	77,54%	77,54%	240.533,93	240.533,93	240.533,93

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

5. CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou ser viável econômica e financeiramente, apontando para a implantação da agroindústria de suco de laranja junto ao conjunto de negócios da cooperativa.

Com a conclusão deste trabalho, a cooperativa Monjolo pode iniciar o processo de implantação do negócio, utilizando-se das informações obtidas, começar a tornar realidade o empreendimento da agroindústria de suco de laranja.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Uma extensão para a agricultura Familiar – Anais. Brasília: PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), 1997,
- ANDRADE, de Souza Fernando. **Fruticultura-Análise da Conjuntura Agropecuária**. Dezembro 2012. Disponível em:
<http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/fruticultura_2012_13.pdf> acesso em: 22/12/2013.
- ARAUJO, G. C. de; BUENO, M. P.; SOUZA A. A. de; MORAES, W. A.C de. **A organização Industrial em Busca da Sustentabilidade Empresarial: Um Estudo de Caso na Agroindústria Frigorífica.2007**.
Acesso em: 24/05/2013 18 h 32min.
Disponível: <HTTP://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2007tr80488_9089.>
- BASSO, Irani Paulo. **Contabilidade geral básica**. 4. ed. Ijuí: editora Unijui, 2011.
- BATALHA, M. O. **Gestão Agroindustrial**. GEPAI: Grupos de estudos e pesquisas agroindustriais/ Coord.: Mário Otávio Batalha. 3 ed. – 3 Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- BIALOSKORSKI, S. **Estratégias e cooperativas agropecuárias: um ensaio analítico**. In: SEMINÁRIO DE POLÍTICA ECONÔMICA EM COOPERATIVISMO E AGRONEGÓCIOS, 2002, Viçosa, MG. **Anais...** São Paulo: USP, 2002.
Disponível em:
<http://www.fearp.usp.br/~sigbial/inserir_out2002/Estrategias_e_Cooperativas_Sig2.pdf>. Acesso em: 04/06/2013 21h 32min.
- BORILE, Luiz Claudio. A lei do cooperativismo e sua função social no desenvolvimento da agricultura familiar e economia solidária. Francisco Beltrão PR. UNIOESTE, 2011.
Disponível em:
http://www.unicafesparana.org.br/uploads/publicacoes/50/Monografia_Pos.pdf. Acesso em: 2013.
- BRAGA, Roberto, 1937-**Fundamentos e técnicas de administração financeira**/Roberto Braga.-1.ed.-20.reimpr.- São Paulo: Atlas,2011.
- BRIGHAM, E. F.; HOUSTON, J. F. **Fundamentos da Moderna Administração Financeira**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- BUAINAIN MARCIO ANTÔNIO; BATALHA OTAVIO MARIO. **Cadeia Produtiva de Frutas**. Vol. 7, 2007.
Acesso em: 20/05/2013 21 h 23min.
Disponível:
<[www.ibraf.org.br/.../Cadeia Produtiva de Frutas Série Agronegócios](http://www.ibraf.org.br/.../Cadeia_Produtiva_de_Frutas_Série_Agronegócios)>Acesso em: 24/05/2013.

Características, Valores Nutricionais e Medicinais das Frutas, Toda Fruta, 2004.
Disponível em: <http://www.todafruta.com.br/todafruta/mostra_conteudo.asp?> Acesso em: 24/05/2013.

CITRUSBR. Associação **Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos**
Disponível em:
<<http://www.citrusbr.com/exportadores-citricos/o-setor/transporte-e-logistica-249496-1.asp>> Acesso em: 24/05/2013.

Como se tornar um profissional em gerenciamento de projetos: livro base de preparação para certificação PMP-Project Management Profissional/organizadores: Paul Campbell Dinsmore; Adriane Monteiro Cavalieri. 4 ed. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2011.

COOP. MONJOLO. Cooperativa Regional de Produção, Agroindustrialização e Comercialização de agricultores Familiares de Nova Laranjeiras. Rodovia BR 277, Parque industrial, Nova Laranjeiras PR.2013

DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO DO TERRITÓRIO CANTUQUIRIGUAÇU ESTADO DO PARANÁ IPARDES PROJETO DE INCLUSAO SOCIAL A DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTAVEL 1 FASE CARACTERIZAÇÃO GLOBAL. CURITIBA 2007, INSTITUIÇÕES COLABORADORAS: SEAB E IAPAR.
Acesso em: 27/12/2012 22: 42
Disponível: <www.ipardes.gov.br/webisis.docs/territorio_centro_sul.pdf> Acesso em: 24/05/2013.

FERREIRA, PEDRO MANOEL. **Matemática Financeira-Manager**, 2010.
Disponível em: <http://www.tga-online.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=141&Itemid=55>
Acesso em: 18/10/2013 22h 10min.

FERREIRA, L. C. **O dilema entre a especialização e a diversificação em uma cooperativa agropecuária**: um estudo de caso. 2002. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
Disponível em: <http://www.google.com.br/#output=search&client=psy-ab&q=+FERREIRA%2C+L.+C.+O+dilema+entre+a+especializa%C3%A7%C3%A3o+e+a&oq=+FERREIRA%2C+L.+C.+O+dilema+entre+a+especializa%C3%A7%C3%A3o+e+a&gs_l=hp.3...5380.5380.0.7196.1.1.0.0.0.492.492.4-1.1.0....0...1c..23.psy-ab..1.0.0.SdcJoUuV3Lw&pbx=1&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.49967636,d.dmg&fp=8bd6f5d0cc365ee2&biw=1366&bih=620>
Acesso em; 30.07.2013. 15h10 min.

FILHO CASAROTTO FILHO, Nelson; KOPITTKKE, Bruno Hartmut. **Análise de Investimentos**, 6 Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GALERANI, J. Formação, estruturação e implementação de aliança estratégica entre empresas cooperativas. **Revista de Administração de Empresas, RAE Eletrônica**, São Paulo, v. 2, nº 1, 2003.

Disponível em:

<<http://www.rae.com.br/eletronicaindex.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1569&Secao=OPERA/LOGI&Volume=2&Numero=1&Ano=2003>>.

Acesso em: 20/05/2013 22h 30min.

GIL, Antônio C. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 4 ed., São Paulo: Atlas, 2010

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7 ed. São Paulo: HARBRA Ltda. 2000.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 7 ed. São Paulo: Harbra, 1997.

GONÇALVES, Eugênio Celso; BAPTISTA, Antônio Eustáquio. **Contabilidade geral**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

GONZALEZ, Pablo M. **Portal de Embalagens**, 2011. Disponível em:

<<http://www.furg.br/portaldeembalagens/quatro/sucos.html>> Acesso em: 24/05/2013.

GUIMARÃES C. ALFREDO LUIZ; PAIVA C. C. ADRIANA; FALES A. LAURA; BRUNO HERRY DE FRAHAN. **Viabilidade financeira de unidades de beneficiamento de frutas, face às condições de financiamento existentes na Amazônia**. 35 p. 1998.

PAPERS DO NAE nº 089 cadernos de ciência & tecnologia, Brasília.

Disponível: www.ufpa.br/naea/pdf.php?id=16

Acesso em: 31/12/2012 22h59min.

HELLMEISTER, CARMEN FRANCISCA LOURENÇO PINTO. Boas Práticas na Fabricação (BPF) Aplicadas nas Etapas de Beneficiamento de um PACKNJ HOUSE de Laranjas. Estudo de caso 2012.

Disponível em: <http://www.pg.fca.unesp.br/Teses/PDFs/Arq0792.pdf>

Acesso em: 18/10/2013/16h 30min.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2010/>

LAGO, A. **Fatores condicionantes ao desenvolvimento de relacionamentos intercooperativos**. 2009. 176 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18439/000729139.pdf?sequence1>

Acesso em: 30/07/2013 15h35min.

LASTE, Guilherme Dalle; HOSS, Luciana; ANTONIAZZI, Sonia. **Características dos Sucos Cítricos**. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alimentus/feira/prfruta/sucolara/capa11.htm>>. Acesso em: 16 Set. 2013.

LEONE, George Sebastião G. **Custos – Planejamento, implantação e controle**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000

LUCIANO DE SOUZA E COSTA. **Cooperativismo: Uma breve reflexão teórica econômica.** UNIOESTE.

Disponível em:

<<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VISeminaro/Artigos%20apresentados%20em%20Comunica%E7%F5es/ART%207%20-%20O%20cooperativismo%20-%20uma%20breve%20reflex%E3o%20te%F3rica.p>>

Acesso em: 28/07/2013 13h45min

MARCONI, Marina A., LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7 ed., São Paulo: Atlas, 2010.

Ministério do Desenvolvimento Agrário Secretaria de desenvolvimento Territorial Gerencial de Negócios e Comercio. **Roteiros de elaboração de projetos agroindustriais para os territórios Rurais,** 2007.

Disponível: < www.cpact.embrapa.br/forum/roteiro.pdf>

Acesso em: 31/12/2012 23h24min.

MIOR, L, C. **Agricultura familiar, agroindustria e desenvolvimento territorial.**

Colóquio Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável,2007.

Disponível:< <http://WWW.cdts.ufsc.br/articles/ArtigoColoquio%20-Mior.>>

Acesso em: 21/05/2013 23h 38min.

NARDELLI, MOREIRA PAULA; MACEDO, ALVARO MARCELO. **Análise de viabilidade econômico-financeira de um agroindustria de processamento de frutas,** 2008.

Disponível:< www.sober.org.br/palestra/9/351.pdf >

Acesso em: 27/05/2013 20h24min.

NETO, A. A.; LIMA, F. G. **Fundamentos de administração financeira.** 1. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PADOVEZE, Clovis Luís. **Contabilidade gerencial:** um enfoque em sistema de informação contábil. São Paulo: editora Atlas S. A.-2000.

OLIVEIRA, Mauro E. de; Manica, Ivo. **Principais países produtores de frutas no ano de 2005.** Disponível em: <http://www.todafruta.com.br/todafruta/mostra_conteudo.asp?conteudo=14442>.

POSSENTI. ANTONIO, MARCO. **Proposta de uma sistemática para apoiar a gestão econômico - financeira de uma agroindústria familiar de pequeno porte.** 214 p.

UFRGS, tese doutorado em engenharia de produção.

Disponível:< www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/.../000772614.pdf?...>

Acesso em: 29/12/2012 00h20min.

Produção agrícola municipal 2006, IBGE, 2007. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=998>
.Acessado em:02/09/2013 21h34min.

REVISTA: Anuário Brasileiro da Agricultura Familiar 2013.
www.agriculturafamiliar.agr.br Editora: Bota Amarela.

ROSS, Stephen A. ; WESTERFIELD, Randolph W.
Princípios de administração financeira; tradução Antonio Zoratto Sanvicente. –São Paulo: Atlas, 1998

RASOTO, Armando. **Gestão Financeira**: enfoque em inovação-Armando Rasoto....(et.al.)- Curitiba:Aymar Educao.2012-serieUTFinova.

SANTOS, Joel J. **Fundamentos de Custos para formao do preço e do lucro**. São Paulo: Atlas, 2005. 5 edico.

SANTOS, Arivaldo dos. **Contabilidade das sociedades cooperativas: aspectos gerais e prestao de contas**/Arivaldo dos Santos, Fernando Henrique Câmera Gouveia, Patricia dos Santos Vieira.—São Paulo: Atlas, 2008.

SANVICENTE, Antonio Zoratto. **Administrao financeiro**. 3 ed., 19 reimpr., São Paulo: Atlas 2011.

SCRAMIN, Sedenir. Estratégia de diferenciao na agroindústria familiar de suco Tolotti: Um estudo de caso. Constantina RS, 2011.

SCHOMMER, João. **Pequenas cooperativas, alternativas de organizao e comercializao. – Tenente Portela – RS**. Seropédica: UFRJ, 2002. 33p
Disponível: www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Mono_Joao_Schommer.pdf
Acesso em: 05/12/2012. 18 h 31min.

SILVA da, Mauricio Santos. Praticas Cooperativas de trabalho: Um estudo de caso em Salvador.Salvador BA,2005.Acesso em:08/10/2013.10h20min.
Disponível em:
http://www.cefetba.br/ensino/superior/downloads/2005/Mauricio_Monografia.pdf

SILVA da, Gilton Marne.Plano de negócios: **Estudo de viabilidade para a implantao de uma industria de suco integral de laranja em Tupandi-RS.2.009** Disponível em:
<http://www.google.com.br/#q=SILVA+da%2C+Gilton+Marne.Plano+de+neg%C3%B3cio+s%3A+Estudo+de+viabilidade+para+a+implanta%C3%A7%C3%A3o+de+uma+industria+de+suco+integral+de+laranja+em+Tupandi-RS.2.009>
Acesso em: 03/09/2013

SOUSA e CABRAL SIDNEY; SANTIAGO R. RENATA; VAL do, GIOVANA FBIA; RAMOS FIGUEIRA BRUNO; FARIA ROBERTO EMANUEL. **Estudo de viabilidade técnica e econômica para a abertura de uma agroindustria processadora de polpa de frutas no município de Aimorés-MG**. 2008. INTEC Soluoes em Informaoes e Tecnologia.
Disponível: pt.scribd.com/doc/38037227/06-Evte-Ind-Stria-de-Polpas-Ai.
Acesso em: 15/12/2012 16 h 32min.

SOUZA, U. R.; BRAGA, M. J. **Diversificação concêntrica na cooperativa agropecuária: um estudo de caso da COMIGO**. Revista Gestão & Produção, São Carlos, v. 14, nº 1, 2007.
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v14n1/13.pdf>>.
Acesso em: 14/03/2013.

SOUZA, NALI DE JESUS de. **Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Atlas, 1999.

TRENTIN, I. C. L. & WESZ JUNIOR, V. J. **Desenvolvimento e agroindústria familiar**. In: Artigos Completos do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Cuiabá, 2004.

OLIVEIRA, Mauro E. de; Manica, Ivo. **Principais países produtores de frutas no ano de 2005**. Disponível em: <http://www.todafruta.com.br/todafruta/mostra_conteudo.asp?conteudo=14442>.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

<<http://cataventobrazil.com/loja/agro-industrias/frutas-e-vegetais-processamento/esteira/esteira-de-selec-o-de-frutas.html>> Acesso em: 10/11/12.

<<http://cataventobrazil.com/loja/agro-industrias/frutas-e-vegetais-processamento/lavador/lavador-automatico-de-frutas.html>> Acesso em: 10/11/12.

<<http://www.colombo.com.br/produto/Informatica/Multifuncional-HP-Ink-Advantage-Colorida-D1516>> Acesso em: 10/12/13.

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2010/>> Acesso em: 2013.

<<http://www.ipardes.gov.br/Acesso>> em: 2013

<<http://limeira.olx.com.br/extratoras-de-suco-de-laranja-e-limao-iid-551965093#>>

Acesso em: 07/12/13.

APÊNDICE

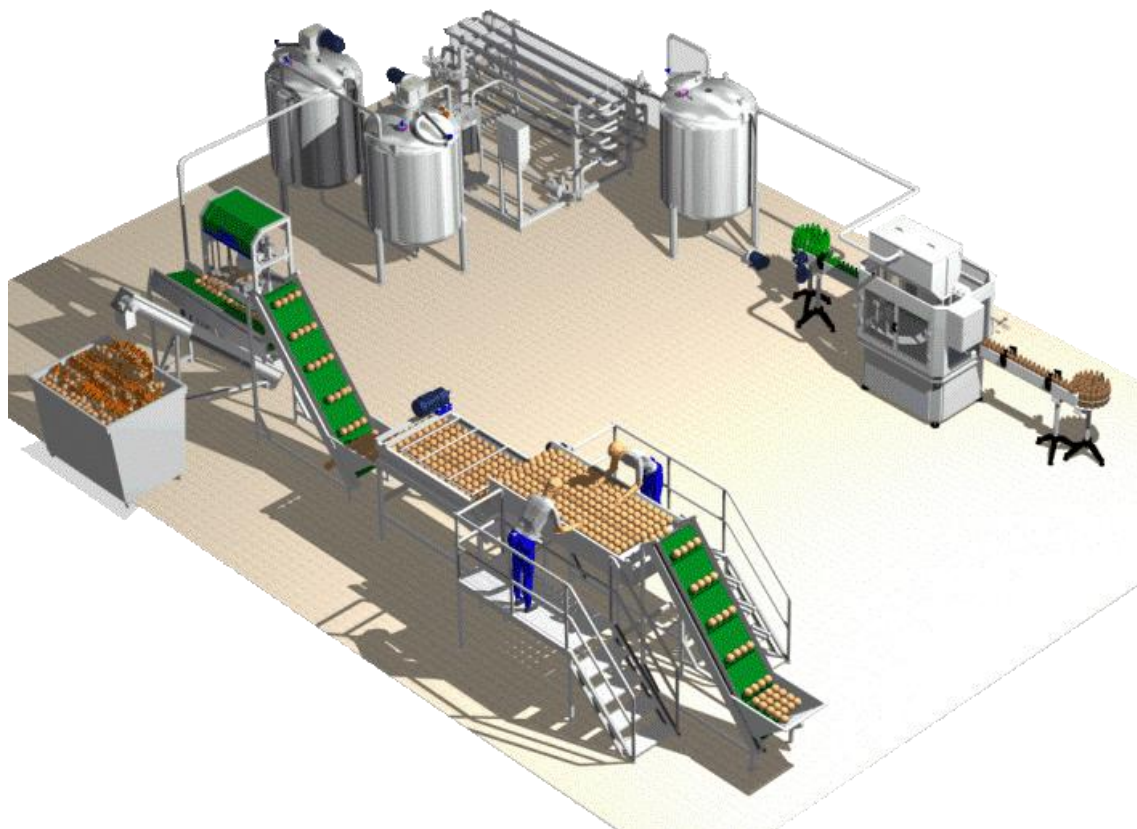
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL-UFFS- CAMPUS DE
LARANJEIRAS DO SUL PR

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ACADÊMICA: VERA MARIA ROSSIGNOL

ENTREVISTA ESTRUTURADA APLICADA AO PRESIDENTE DA COOPERATIVA
MONJOLO EM: 20/10/2012

1. Há quanto tempo essa cooperativa foi constituída:
2. Quais os motivos que levaram à organização da cooperativa no município.
3. Quais são as propostas para organização da produção trabalhadas pela cooperativa:
4. Um pouco das informações da cooperativa (número de associados, produção, abrangência)?
5. Quais serviços são oferecidos pela cooperativa aos associados?
6. A cooperativa acessa alguma política publica nas suas atividades? Quais?
7. Como é o relacionamento com o poder publico local?
8. Qual o banco que presta serviços para a cooperativa?
9. Qual a quantidade de laranjas comercializadas pela cooperativa em 2012.



<https://www.google.com.br/search?q=extratora+de+suco+de+laranja+600litros+hora&oq=extratora+de+suco+de+laranja+600litros+hora&aqs=chrome..69i57j37>